

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER NA PRODUÇÃO DA ÁGUA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Maria Sonia Lopes da Silva¹; Márcia Moura Moureira²; Gizelia Barbosa Ferreira³; Eliene Bezerra Pereira⁴, Alba Leonor da Silva Martins⁵;

¹Embrapa Solos UEP Recife, R. Antônio Falcão, 402. Boa Viagem, Recife, PE, 51020-240, sonia.lopes@embrapa.br; ²Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia, Rua Barão de Geremoabo, s/n. Ondina, Salvador, BA, 40.170-115, marcia.moureira@gmail.com; ³Instituto Federal de Pernambuco, Campus Vitória de Santo Antão, PE, 55600-000, gizelia.ferreira@vitoria.ifpe.edu.br; ⁴Centro de Apoio Comunitário de Tapera em União a Senador-Cactus, Povoado Candunda, S/N, Zona Rural, Senador Rui Palmeira, AL, 57515-000, eliene_elo@hotmail.com; ⁵Embrapa Solos, Rua Jardim Botânico, 1.024, Jardim Botânico, 22460-000, Rio de Janeiro, RJ, alba.leonor@embrapa.br

EIXO TEMÁTICO: Tecnologias sociais e digitais para os povos do campo

PALAVRAS-CHAVE: gênero; escassez de água de chuva; mulher agricultora; tecnologia social hídrica.

INTRODUÇÃO

A mulher agricultora sertaneja possui uma íntima ligação com a água, sendo praticamente a responsável por seu uso para o consumo da família (beber, preparar alimentos e higiene) além das outras atividades que envolvem o uso da água para agricultura e o trato de animais de pequeno porte. Mesmo assim, ela ainda não é plenamente partícipe ativo na elaboração dos programas relacionados à água. Na ausência de ações governamentais efetivas e mais abrangentes, as mulheres vêm lutando para que sejam reconhecidas como agentes do espaço público, por sua luta pela terra, água e pelo acesso aos programas de desenvolvimento rural. As conhecidas “viúvas da seca” (nome dado em decorrência de seus maridos irem para capital trabalhar e, algumas vezes, não voltam mais) são conscientes dos problemas socioeconômicos e políticos gerados pela histórica indústria da seca. São elas que sustentam a unidade familiar, jovens ou idosas, trabalhadoras domésticas ou intensamente no campo, continuam resistindo e encontrando formas dentro da lógica da convivência de lutar pela sobrevivência. É de responsabilidade das mulheres o abastecimento da água da casa, para todas as atividades domésticas. Desde 2018, o projeto ZonBarragem Alagoas (constitui um projeto com o objetivo de realizar zoneamento edafoclimático de áreas potenciais para construção de barragens subterrâneas no estado de Alagoas) vem atuando para a definição de áreas adequadas para o estabelecimento de barragens subterrâneas (tecnologia de captar e armazenar água da chuva dentro do solo), a partir da caracterização do solo, geologia, geomorfologia e clima no Semiárido do estado de Alagoas. A barragem subterrânea é uma das tecnologias sociais hídricas (são tecnologias de estocagem de água da chuva para produção de alimentos, desenvolvidas em interação com a comunidade), que tem se mostrado de grande efetividade para a convivência no Semiárido, permitindo a produção agrícola por um período mais prolongado após o término das chuvas por meio do armazenamento da água no solo. No projeto ZonBarragem Alagoas, a atividade “Inclusão e organização das mulheres e dos jovens na barragem subterrânea” propõe valorizar, reconhecer e fortalecer o protagonismo das mulheres e dos jovens nas atividades produtivas, no âmbito da barragem subterrânea, por meio de ações de inserção, capacitação e de organização produtiva. Por meio do resgate de práticas tradicionais das quais descende a cultura da agricultura familiar difusa, pretende-se gerar informações, conhecimentos e tecnologias que contribuirão com a sustentabilidade dos núcleos familiares e,

consequentemente, com a soberania e a segurança hídrica, alimentar e nutricional. Neste sentido, o presente artigo teve como objetivo fazer uma reflexão sobre o papel da mulher na produção da água no Semiárido brasileiro, visando nivelar o entendimento da participação da mulher em atividades produtivas e reprodutivas do Semiárido.

METODOLOGIA

A participação das mulheres nos processos desencadeados pela barragem subterrânea que contribuem para a resiliência dos agroecossistemas a escassez de chuva foi avaliada a partir da reflexões, utilizando algumas ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo - DRP (Verdejo, 2006), realizadas com as famílias agricultoras, lideranças e técnicos, tais como: entrevistas semiestruturada e abertas sobre reconhecimento, mudanças sociais, econômicas, políticas e ação coletiva, conforme indicadores que foram construídos; observação participante; diagramas de fluxo, árvore de problemas, construção de mapas da propriedade, calendário agrícola e de chuvas, com ênfase na divisão de tarefas por gênero e idade, além de oficinas de construção do conhecimento e intercâmbio. A reflexão foi baseada na investigação-ação/pesquisa-ação, no diálogo e no estímulo ao empoderamento das mulheres, buscando aprofundar a participação das famílias para consequentemente promover uma análise coletiva das dinâmicas estudadas na pesquisa, promovendo essa troca de saberes e construindo soluções (ações), quando foi necessário. As informações foram sistematizadas à luz do debate sobre agricultura familiar e empoderamento de mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da reflexão apontam que o acesso a água tem um poder libertador principalmente em relação às mulheres, que otimizam seu tempo com atividades produtivas e reprodutivas, dentro da perspectiva socioambiental e ecológica, através do acesso a tecnologias como a barragem subterrânea que tem proporcionado o fortalecimento da inclusão e organização produtiva destas. O tempo disponível é utilizado na participação de outras dinâmicas, dentro e fora da propriedade, que contribuem no processo de empoderamento, de apropriação de conhecimentos, e da participação social efetiva, através de redes de agricultoras, feiras, associações, sindicatos, grupos de produção e, principalmente, nos processos de tomada de decisão na unidade de produção familiar. Os agroecossistemas que possuem alguma tecnologia social hídrica constituem espaços produtivos, espaço solidários de troca de saberes e experiências, onde a autogestão valoriza o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação, a família agricultora. E a mulher tem papel preponderante na família. Não considerar a importância da mulher agricultora nos programas voltados para a região Semiárida é caminhar na contramão do desenvolvimento rural sustentável, pois as mulheres são participantes ativas das atividades produtivas e reprodutivas realizadas na região. Elas juntamente com os homens agricultores são responsáveis pela produção de alimentos e pelo abastecimento da água para o consumo da família. A implementação de tecnologias sociais hídricas, a exemplo das barragens subterrâneas, propicia o acesso da mulher na gestão da água. E gestão da água no Semiárido é considerar o empoderamento das mulheres na hora de se tomar decisões relacionadas aos seus diversos usos. É assegurar condições mais igualitárias na gestão e no acesso à água, aumentando a inclusão das mulheres na tomada de decisões dentro do agroecossistema, de maneira que se garanta a proteção dos seus direitos individuais. A barragem subterrânea como uma das tecnologias sociais hídricas permite e estimula o reconhecimento do saber popular das mulheres como agricultoras, valorizando sua experiência de trabalho e dando visibilidade na comunidade. A importância dos espaços ocupados pelas mulheres na gestão da água veio a partir da autoafirmação como o novo sujeito social ativo na comunidade. A inclusão da mulher na

produção da água faz com que ela conquiste outros espaços, além do doméstico, e através dessas mudanças a mulher pode conseguir sua autonomia. As mulheres por meio das tecnologias sociais produtoras de água estão adquirindo poder e dignidade, pois saem da esfera da casa, do quintal e do roçado, para incorporar a esfera do respeito ao seu trabalho, a sua real contribuição no desenvolvimento do agroecossistema. Mudanças são detectadas com a chegada das tecnologias sociais às propriedades, mostrando o fortalecimento da solidariedade, a valorização da vida comunitária, a quebra de timidez, e a responsabilidade social. Essas transformações, dentre outras, podem indicar efetivamente o despertar de uma nova tendência das relações, principalmente para as mulheres, é um movimento importante para alterar os padrões de comportamento tradicionais. E isso, tem transformado vidas nas comunidades, porque as mulheres uniram-se aos homens para somar esforços, para terem dignidade de viver bem e autonomia de decidirem o melhor para suas vidas, para suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- As mulheres ao se engajarem na busca pela mitigação dos efeitos da seca, se envolvem na construção de um novo espaço, resultado do seu ingresso no domínio público, participação de movimentos, associações e outras entidades, incorporando novas relações de saber e poder.
- O papel da mulher na produção da água em agroecossistemas de base familiar do Semiárido brasileiro é um retrato de como são fortes e empoderadas.
- A partir do momento que chegaram as tecnologias sociais de acesso a água para consumo humano, produção de alimentos e dessedentação animal, a exemplo da barragem subterrânea, as mulheres se libertam do caminho feito para buscar a água, geralmente a muitos quilômetros de distância, e começam a dispor de tempo para participar de outras dinâmicas, dentro e fora da propriedade.

REFERÊNCIAS

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico Rural Participativo**: um guia prático. Brasília: Gráfica ASCAR, 2006. 61p.